

Exame Final Nacional de Literatura Portuguesa
Prova 734 | Época Especial | Ensino Secundário | 2026

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 62/2023, de 25 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

7 Páginas

A prova inclui 7 itens, devidamente identificados no enunciado (*), cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 2 itens da prova, apenas contribui para a classificação final o item cuja resposta obtenha a melhor pontuação.

As respostas aos itens da prova são registadas no caderno de respostas.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Nos itens de construção, apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

GRUPO I

Leia o excerto da peça *Guerras do Alecrim e Manjerona*, de António José da Silva, bem como a contextualização apresentada. Se necessário, consulte as notas.

Contextualização

Ao saírem da missa, de rosto coberto, D. Nise e D. Clóris, duas primas casadoiras, são seguidas e cortejadas por D. Fuas e D. Gilvaz. D. Nise oferece um ramo de manjerona a D. Fuas, enquanto D. Clóris dá um ramo de alecrim a D. Gilvaz. Por sua vez, Sevadilha, criada que acompanha as donzelas, também de rosto coberto, oferece um malmequer a Semicúpio, criado de D. Gilvaz.

Nesta cena, Semicúpio, disfarçado de vendedor de alecrim, encontrando-se na casa onde vivem as duas primas, finge desmaiar e fica a sós com Sevadilha, que conhecera nessa manhã.

SEVADILHA – Só isto me faltava: ficar eu guardando a este defunto!

SEMICÚPIO – Vejamos quem é esta Sevadilha, que ficou por minha enfermeira. Ai, que suponho que é a menina do malmequer, que lá traz um no cabelo! Vamo-nos erguendo, por ver se nos quer bem. (*Vai-se erguendo.*)

5 SEVADILHA – Deite-se, deite-se! Ai, que o homem tem frenesis! Acudam cá!

SEMICÚPIO – Cal-te, Sevadilha; não perturbes esta primeira ocasião de meu amor.

SEVADILHA – Deixe-se estar coberto.

SEMICÚPIO – Bem sei que o calafrio de meu amor é tão grande, que se pode cobrir diante de El-Rei; mas confesso-te que já não posso aturar o gravâmen deste capote.

10 SEVADILHA – Ai, que o homem está louco e furioso!

SEMICÚPIO – A fúria com que te ausentas me faz enlouquecer. Não fujas, Sevadilha, que eu sou aquele sujeito do malmequer, e tão sujeito aos teus impérios, que sou um criado de vossa mercê.

SEVADILHA – Eu te arrenego, maldito homem! Tu és o desta manhã?

15 SEMICÚPIO – Cuidavas que não havia saber buscar modo para ver-te?

SEVADILHA – Queres que vá chamar a D. Clóris, ou D. Nise?

SEMICÚPIO – Logo irás chamar a D. Clóris; mas primeiro atende à chama de meu amor; que, se o fogo tem línguas e as paredes têm ouvidos, bem pode a dura parede de teu rigor escutar a lavareda em que me abraso. Muita cousinha te pudera eu dizer; porém a ocasião não é para

20 isso.

SEVADILHA – Nem eu estou para essoutro.

SEMICÚPIO – Eu o dissera, que o teu malmequer não é para menos.

SEVADILHA – Nem a tua pessoa é para mais.

SEMICÚPIO – Pois isso é deveras? Olha que desconfio.

25 SEVADILHA – Bem aviada estou eu! Bom amante tenho! Bonito eras tu para aturar vinte anos de desprezos, como há muitos que aturam, levando com as janelas nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, sofrendo geadas, apurando-se em romances, dando descantes, feitos estátuas de amor no templo de Vénus; e, contudo, estão mui contentes da sua vida. E assim, para que me buscas?

- 30 SEMICÚPIO – Para que me desenganes se me queres, ou não.
SEVADILHA – Pergunta-o ao malmequer, que ele to dirá.
SEMICÚPIO – Se eu o tivera aqui, fizera essa experiência.
SEVADILHA – E aonde está o que eu te dei?
SEMICÚPIO – Lá o tenho empapelado, que cuido que o ar mo leva.
- 35 SEVADILHA – Assim te leve o Diabo!
SEMICÚPIO – Levará, que é muito capaz disso. Pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?
SEVADILHA – Apanha aquele malmequer que está junto àquela porta, e pergunta-lho, que ele to dirá.
- 40 SEMICÚPIO – Pois acaso nas folhas do malmequer estão escritos os teus amores, ou os teus desdêns?
SEVADILHA – Da mesma sorte que a *buena dicha* na palma da mão.
SEMICÚPIO – Eu vou apanhar o dito malmequer. (*Vai-se.*)
SEVADILHA – Quem me dera que ficasse em malmequer, para o fazer andar à prática!

António José da Silva, *Guerras do Alecrim e Mangerona*, edição de Maria de Lourdes A. Ferraz, Lisboa, Seara Nova / Comunicação, 1980, pp. 57-59.

NOTAS

frenesis (linha 5) – estados de agitação febril ou de exaltação violenta.

que se pode cobrir diante de El-Rei (linhas 8-9) – referência à etiqueta cortesã, segundo a qual a possibilidade de alguém manter a cabeça coberta perante o rei constituía um sinal de grande distinção.

gravâmen (linha 9) – o mesmo que «gravame»; peso.

Eu te arrenego (linha 14) – fórmula utilizada para amaldiçoar ou rogar uma praga.

rigor (linha 18) – inflexibilidade; severidade.

desconfio (linha 24) – amuo; desanimo.

aturando calmas (linha 27) – suportando um calor intenso.

descantes (linha 27) – cantigas populares acompanhadas de um instrumento.

empapelado (linha 34) – embrulhado em papel.

buena dicha (linha 42) – sina; destino.

andar à prática (linha 44) – aprender com a experiência.

* 1. Refira dois efeitos cómicos resultantes do comportamento de Semicúpio, tendo em conta as linhas 1 a 10.

* 2. Esclareça o sentido de «sujeito» nas expressões «sujeito do malmequer» e «sujeito aos teus impérios» (linha 12).

3. Releia a fala de Sevadilha que se encontra nas linhas 25 a 29.

Explique de que modo, nessa fala, Sevadilha critica as investidas amorosas de Semicúpio, com base em dois aspetos.

- * 4. Complete o texto seguinte, selecionando, para cada espaço, a opção que apresenta a citação adequada ao respetivo contexto.

Assinale, na folha de respostas, para cada letra, o número da opção selecionada.

Ao longo do diálogo entre Sevadilha e Semicúpio, o malmequer desempenha diversas funções: possibilita a identificação das personagens, remetendo para o momento da ação em que estas se encontraram pela primeira vez, como se verifica em ____ (a) ____ e ____ (b) ____; permite alimentar o jogo de sedução, adiando a resposta de Sevadilha, face às intenções amorosas de Semicúpio (por exemplo, em ____ (c) ____); e é usado com valor expressivo, adquirindo significados que divergem do seu sentido literal (por exemplo, em ____ (d) ____).

(a)	(b)
(1) «a menina do malmequer» (linha 3)	(1) «ele to dirá» (linha 31)
(2) «o teu malmequer» (linha 22)	(2) «aonde está o que eu te dei?» (linha 33)
(3) «o dito malmequer» (linha 43)	(3) «aquele malmequer» (linha 38)
(c)	(d)
(1) «o teu malmequer não é para menos» (linha 22)	(1) «nas folhas do malmequer» (linha 40)
(2) «Pergunta-o ao malmequer» (linha 31)	(2) «apanhar o dito malmequer» (linha 43)
(3) «cuido que o ar mo leva» (linha 34)	(3) «que ficasse em malmequer» (linha 44)

GRUPO II

Leia o poema de Antero de Quental. Se necessário, consulte as notas.

IDÍLIO

Quando nós vamos ambos, de mãos dadas,
Colher nos vales lírios e boninas,
E galgamos dum fôlego as colinas
Dos rocios da noite inda orvalhadas:

5 Ou, vendo o mar, das ermas cumeadas,
Contemplamos as nuvens vespertinas,
Que parecem fantásticas ruínas
Ao longe, no horizonte, amontoadas:

Quantas vezes, de súbito, emudeces!
10 Não sei que luz no teu olhar flutua;
Sinto tremer-te a mão, e empalideces...

O vento e o mar murmuram orações,
E a poesia das cousas se insinua
Lenta e amorosa em nossos corações.

Antero de Quental, *Sonetos*, edição de Nuno Júdice, Lisboa, INCM, 1994, p. 69.

NOTAS

Idílio (título) – pequena composição poética de carácter campestre; amor puro e suave; fantasia; sonho.

boninas (verso 2) – pequenas flores campestres.

rocios (verso 4) – gotas de orvalho.

ermas (verso 5) – despovoadas.

cumeadas (verso 5) – linhas formadas pela sucessão dos pontos mais altos das montanhas.

vespertinas (verso 6) – que se formam ao final da tarde.

- * 1. Na primeira quadra, as referências ao espaço estão associadas a duas ações realizadas pelas figuras que nele se movimentam.

Identifique essas ações e os espaços a elas associados.

- * 2. Analise o valor expressivo do verso 7: «Que parecem fantásticas ruínas».

- * 3. Explícite a relevância de o sujeito poético se dirigir a um «tu», no primeiro terceto.

4. Explique a relação que se pode estabelecer entre o último terceto e o título do poema, com base em dois aspetos.

*** GRUPO III**

Leia a citação seguinte.

«[O] Amor é talvez o tema de maior alcance significativo na obra de Camões.»

Frederico Lourenço, «Amor», in *Dicionário de Luís de Camões*, coordenação de Vítor Aguiar e Silva, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 24-25.

Desenvolva a ideia apresentada na citação acima transcrita, fazendo referência a poemas da lírica camoniana que tenha lido.

Redija um texto de cento e cinquenta a duzentas e oitenta palavras.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2026/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 7 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo							Subtotal
	I	I	I	II	II	II	III	
	1.	2.	4.	1.	2.	3.		
Cotação (em pontos)	24	24	24	24	24	24	32	176
Destes 2 itens, apenas contribui para a classificação final da prova o item cuja resposta obtenha a melhor pontuação.	Grupo							Subtotal
	I	II						
	3.	4.						
Cotação (em pontos)	1 x 24 pontos							24
TOTAL								200

Prova 734
Época Especial